

Econ. Brasil

# "O sacrifício do ajuste ou a hiperinflação"

\* 1 OUT 1993

CAZETA MERCANTIL

por Claudia Safatle  
de Nova York

"Para atingir a estabilização não pode haver erro. Nós, enquanto sociedade, teremos que aceitar sacrifícios, abandonar o corporativismo e as distorções regionais e abrir mão dos arraigados privilégios que ainda impregnam a sociedade brasileira."

Com essas palavras, ditas a uma platéia de empresários e banqueiros, brasileiros e norte-americanos, o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, procurou deixar claro os caminhos a escolher: o sacrifício do ajuste para acabar com a inflação ou a hiperinflação instalada no País já em meados do ano que vem.

"O governo está pronto para assumir a liderança da negociação para a revisão constitucional", adiantou o ministro da Fazenda, que, agora, voltará todas as atenções para o progra-

ma de estabilização, com ajuste fiscal.

Essa foi a tecla que marcou todas as conversas do ministro da Fazenda em Washington e foi reforçada com forte determinação no pronunciamento que fez no seminário "Brasil-94, Política de Estabilização, Privatização e Oportunidades no Mercado de Capitais", promovido pelo Banco do Brasil e por este jornal, em Nova York.

A equipe econômica do governo retorna ao Brasil, depois de uma semana de conversas com o Fundo Monetário Internacional (FMI), com autoridades do governo americano e com empresários e banqueiros internacionais, ciente de que "é hora de fazer o dever de casa", como disse um qualificado assessor do ministro, que estava presente no seminário ontem, no Marriott Marquis Hotel, em Nova York.

Três questões polarizaram os interesses dos empresários e banqueiros presentes: a estabilização através do ajuste fiscal e da desindexação, a nova política de privatização e os acertos finais do acordo de reestruturação da dívida externa com os bancos comerciais.

O negociador da dívida externa, André Lara Resende, garantiu que o governo brasileiro cumprirá os passos anunciados: fará um acordo com o FMI e estará apto a, em fevereiro, comprar os bônus série es-

pecial, de trinta anos, através de uma emissão especial do Tesouro norte-americano, para servir de colateral ao acordo externo. Sustentou que não há hipótese de o governo brasileiro comparecer como comprador desses papéis durante a emissão regular do Tesouro americano, em fevereiro próximo.

O ex-diretor do BNDES, Sérgio Zendron, fez uma palestra sobre os avanços obtidos até agora no programa de privatização, mas a questão que interessava aos banqueiros presentes não pôde ser respondida: se o governo brasileiro vai permitir que os títulos da dívida externa sirvam como moeda de privatização.

Lara Resende e Winston Fritsch falaram sobre o reverso do efeito Tanzi nas contas públicas. A platéia em geral gostou da exposição e do pronunciamento do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. A impressão de Jean Van de Walle, diretor do Alliance Management, é que a equipe econômica atual parece ter as melhores intenções.

Com esta  
edição circula  
o Relatório

Brazil-94